

O HERALDO

Editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impresso,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

EXPEDIENTE

Aos assignantes das localidades onde a cobrança não pode ser feita por intermedio das estações postaes, pedimos para que nos enviem em valle do correio a importancia das suas assignaturas.

Os assignantes das freguezias ruraes d'este concelho podem satisfazer a importancia das suas assignaturas n'esta administração ou no estabelecimento do sr. José Maria dos Santos, á Praça.

UM REVEZ

Por telegramma expedido ante-hontem á tarde pelo nosso solicito correspondente da capital e só hontem de manhã recebido n'esta redacção, soubemos da infausta noticia ante-hontem lida na camara dos deputados pelo sr. ministro da marinha e que alem de constituir triste presagio sobre a presente secção parlamentar vem pôr desgostosa mácula na epopeia gloriosa das nossas armas.

Trata-se d'uma derrota soffrida pelas tropas portuguezas na expedição militar que se organisara ao sul de Angola no sentido de occupar territorios que nos pertencem e que a pouco e pouco iam sendo invadidos pelos cuahanamas.

São ainda desconhecidos os pormenores d'esse lamentavel desastre que dolorosamente enluta a patria portugueza e certamente angustiará numerosas familias, mas sabe-se, no entanto, que a vanguarda d'essa expedição foi victima d'uma cilada que lhes preparou o gentio rebelde, tendo perecido, segundo as noticias officiosas, 16 officiaes e perto de 200 soldados europeus e indigenas.

Verdade é confessar-se que parte da nossa imprensa vinha desde ha tempo prevendo este triste acontecimento, já pelas victorias do gentio nas constantes refregas com as tropas allemãs, já pela manifesta insufficiencia dos nossos recursos militares n'aquella região colonial. Parece, porem, pelas declarações do sr. ministro da marinha, que o governo não andou precipitada e irreflectidamente n'esta importante questão e sim procedeu de harmonia com os conselhos da gente mais auctorizada a aconselhar sobre o assumpto e offerecendo todo o auxilio indispensavel á segurança do exito. Apesar d'isto a imprensa opposicionista não tem escrupulos em culpar o governo d'esse desastre soffrido pelas nossas tropas, pon-do ainda mais uma vez acima dos interesses e do prestigio da patria as méras conveniencias do partidismo politico.

Entendiamos que n'um caso que assume indiscutivel gravidade e de que depende o brio e o bom nome

do paiz, todos os portuguezes deveriam esquecer as pugnas partidarias e, n'um commum exorço, contribuir para que quanto antes e o melhor possivel se reparasse esse desastre, no que elle tem de desdouro para o exercito.

Pelos jornaes chegados esta manhã sabemos da desoladora impressão que esta noticia produzira no paiz e sobretudo em Lisboa d'onde eram muitos dos officiaes que faziam parte da expedição. Em Tavira, quando hontem patenteamos ao publico o telegramma que nos participava tão lamentavel occorrença, a noticia correu com a velocidade de todas as más novas e em pouco tempo constituiu o assumpto de todas as occorrenças.

Oxalá que brevemente tenhamos de registar a reparação d'esse desastre, de modo a poder continuar glorioso e altivo o nome do nosso exercito.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

PROSAS SCIENTIFICAS

OS MYSTERIOS CABELLUDOS DO JAPÃO

Quando a actual raça japoneza invadiu as ilhas que agora são consideradas como imperio do Japão, achou vivendo ali uma raça de homens e mulheres primitivos que ella dominou e impelliu para o norte. Eram os *ainus*, uma raça notavel de gente cabelluda que actualmente habita a ilha de Yezo, a ilha do extremo norte do Japão. Não tem registos escritos de qualquer especie e muito pouco se sabe delles. Alguns investigadores estrangeiros, devido á côr clara da sua pelle, classificaram-nos como descendentes de uma raça branca europeia. Os homens são notados pela sua estranha apparencia physica, estatura baixa e rude e as faces quasi brancas, semeadas de cabellos, ao passo que tem barbas extraordinariamente compridas.

O cabelo que lhes reveste os corpos semelha uma pelle espessa, negra e felpuda que se estende até ás extremidades dos membros superiores e inferiores. Ambos sexos usam vestuarios esquisitos fabricados da casca de certas arvores. As mulheres, e sobretudo as crianças são melhor parecidas que os homens e são frequentemente procuradas pelos japonezes para suas esposas. Parecem usar bigodes mas estes não são realmente pellos, mas imitações de bigodes, pintados no labio superior. A tatuagem faz-se gradualmente, e requer alguns mezes para ser completa. Prepara-se da forma seguinte: arde-se uma porção de casca de videiro sob uma chaleira até ennegrecer-lhe o fundo e cobri-lo de fuligem. As mulheres, munidas de facas, fazem depois incisões na parte que se quer pintar, depois do que tomam entre os dedos uma porção de fuligem e friccionam-na bem pelos cortes feitos.

Os fatos, que, como dissemos, são fabricados de casca de arvore, são feitos pelas mulheres, mas alguns dos *ainus* mais ricos usam vestes japonezas. No inverno usam por cima dos fatos de casca pellos para augmentarem o calor. As mulheres parecem ser muito afeiçoadas a seus maridos, e enfeitam os vestidos de

vistasas côres. O que ha de mais sagrado na tribu *ainu* é a sua vara de orações, um pedaço de madeira esculpida que em casa penduram, ou perto do rio, ou fontes, ou nas suas dispensas. Sempre que um caçador sae, faz se uma vara de orações para agorar bom successo, e quando está no mar largo, e uma tempestade estala, fazem outra varinha que lançam ás ondas como pedido de protecção ao deus Neptuno.

O caçador *ainu* de ursos pôde envergouhar o melhor *sportman* moderno.

O seu methodo é temerario e perigoso.

Os ursos passam o inverno em grutas e cavernas. Introduzem nas cavernas campridas lanças e se algum sae é preza facil da setta envenenada; outras vezes suffocam-nos pelo fumo.

Quando o urso é pela primeira vez ferido, achando se cheio de dôres, torna se feroz, e arremessa se furiosamente sobre o inimigo. Ficando então a curta distancia o *ainu* deixa-lhe a setta e flecha e prepara-se para fazer sobre o plantigrado a carga final.

O animal sentindo-se ferido e enraivecendo-se ergue-se nas patas trazeiras prompto a precipitar se sobre o assaltante. O caçador *ainu* a guarda a vez de lhe dar o golpe final. No momento opportuno elle lança-se ao abraço da fera e enterra-lhe a faca no corpo, mas não que sempre escape sem vestígios do seu encontro. Elle tem quasi a certeza de ficar severamente arranhado, sem pe-recraneio muitas vezes, e até morto.

Além de serem o povo mais cabelludo e quasi o mais primitivo actualmente existente, os *ainus* constituem tambem os maiores enigmas para os anthropologistas, porque a sua origem encobre-se na noite dos tempos. Como dissemos não tem factos escritos de qualquer sorte, nem os japonezes conhecem data que lance luz sobre a sua remota ascendencia.

Porisso ha grande diversidade de opiniões entre os mais eminentes eruditos quanto á sua exacta origem. São subditos do Japão, mas não tem representação no governo, e são deixados entregues á sua livre acção. Não tem ambições e não assimilaram nenhuma das artes e ideias progressivas dos seus vizinhos japonezes. Os *ainus* representam um numero approximado de dezeseis mil habitantes que é o unico resto de uma raça quicá outrora poderosa.

C. PEREIRA SANTOS.

José Francisco Teixeira d'Azevedo

ADVOGADO

Largo da Graça, 82—1.º—Lisboa

Caminhos de ferro

Foi superiormente approvedo o projecto de uma variante no lanço da linha ferrea de Tavira a Cacella, entre os perfis 111 e 186, na extensão de 3:684.02^m.

Por decreto de 19 do corrente mez foi regulada a execução do art.º 30.º do decreto com força de lei de 31 de dezembro de 1864, relativamente ás penas a applicar aos passageiros que indevidamente fizerem funcionar os sinais de alarme, cuja collocação nas carruagens é agora iniciada nos caminhos de ferro do paiz. As transgressões serão punidas correctionalmente com a multa de 50\$000 réis a 200\$000 réis, segundo as circumstancias.

Dr. Matheus d'Azevedo

Acompanhado de sua esposa D. Maria Luiza, de seus filhos sr. dr. José Teixeira d'Azevedo, deputado ás côrtes pelo Algarve, D. Helena Teixeira d'Azevedo Pinto Ribeiro, Alfredo, Maria Isabel e Fernando e de seu genro sr. dr. José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro, delegado do Procurador Régio em Barcellos, partiu na tarde de domingo ultimo para Lisboa, onde vae recommençar a faina a que o obriga o seu importante cargo politico, o sr. dr. Matheus Teixeira d'Azevedo, illustre presidente da camara dos deputados e um dos mais considerados vultos do partido regenerador.

Durante a sua permanencia n'esta cidade, onde todos os annos vem retemperar-se da sua vida aza-famada de politico e de magistrado e dar-nos o prazer da sua convivencia amiga e honrosa, o dr. Matheus Teixeira d'Azevedo recebeu os cumprimentos de quasi todos os nossos patricios e de muitos das principaes influentes politicas do Algarve.

Tambem os srs. drs. José Teixeira d'Azevedo e José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro, por quem os habitantes d'esta cidade nutrem siecra sympathia, receberam cumprimentos de cordeal amizade.

A' Fuzeta foram despedir-se da familia Teixeira d'Azevedo muitas pessoas das suas relações pessoais e politicas e na *gare*, litteralmente cheia, recorda-nos ter visto entre muita gente da Fuzeta e Moncarapacho os srs. capitão Cesar Ribeiro, Antonio Augusto Soares, commendador João Possidonio Guerreiro, João Rodrigues Pinheiro Centeno, Estevão José de Sousa Reis, Alvaro Mendes Torres, Jordão José Cansado, Joaquim Thomaz Pires Correia d'Azevedo, Felix do Amaral, dr. Antonio Francisco de Sousa, José Rodrigues Pinheiro Centeno, Antonio Pinto, Augusto Christovão da Conceição, Sebastião José Teixeira Neves d'Aragão, Joaquim Barrot Trindade, Sebastião Rodrigues Pinheiro Centeno, Francisco André do Rosario, Francisco Gonçalves Pinto, José Thomaz Pires C. d'Azevedo, João Rodrigues Pinheiro Centeno, capitão Macedo Ortigão, padre Romão Antonio Vaz, Henrique Cansado, José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, capitão Francisco de Paula Ferreira, tenente Joaquim Baptista Ferreira, João Antonio Pacheco, Joaquim Antonio Pacheco, prior Avelino, Ventura José Tavares, dr. José Ribeiro Castanho, Feliciano José Alves, Antonio Santos, etc., etc.

Nas *gares* de Olhão e Faro compareceram a despedir-se, á passagem do comboyo, muitos dos principaes influentes politicos d'aquellas localidades.

NOS ACTOS JUDICIAES

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar o decreto de dezembro de 1903, referente ao pagamento de emolumentos, contribuição industrial, sello de recibos, etc., nos actos judiciaes.

Este folheto comprehende tambem os regulamentos das estampilhas fiscaes, e da cobrança dos emolumentos judiciaes e do Ministerio Publico, que constituem receita do Estado, e as portarias de 30 de dezembro de 1903 e 4 de janeiro de 1904, sobre aferições de pesos e medidas e exames para o cargo de aferidor. O seu custo é de 150 réis.

Poetas

SOLTO O CABELLO

Se cai em effluvios d'ouro,
Sobre teus hombros de neve.
A onda finissima e leve
D'esse teu cabelo louro

E mordes n'esse thesouro
Com teu pente ávido e breve
Que em focos de luz inscreve
Tanto brilho immorredouro.

Tremem, nas órbitas cêrulas,
D'esse teu collar, as pérolas!
E, aos fulgôres que reflectes,

Lançam te olhos de felinos
Ciumentos e purpurinos,
As joias dos braceletes!

RINDO

As bellas formas divinas,
D'esse teu corpo sem par,
Quem as virá desenhar
Tão puras, tão peregrinas?

Transportam-se as cristallinas
As verdes aguas do mar,
Aves... flores... o luar,
Todo o garbo das Ondinas;

Mas essa graça que toma
Teu riso, quando se assoma
Ao fino lábio vermelho,

Só a retrata, trememente,
O vivo cristal fulgente
Do teu riquissimo espelho!

Salazar Moscozo.

A LYRA

Milcia adorava a musica.
Todas as tardes, quando o vulto anguloso da Acropole se recortava no oiro acarinado do ceo, ella, acompanhada de seu velho pae, descia ao jardim e, sentados ambos junto do plintho duma estatua, dedilhava plangentemente a sua lyra, arrancando-lhe accordes de suasvissimas harmonias.

E o ancião ficava longo tempo enlevado... extatico... a pensar...

E' que as vibrações chystalinas tangidas naquellas cordas de oiro pelos dedos de marfim de sua filha, tinham para elle um extraordinario poder de evocação!

Era como que um alvorecer de fulgurantes alvoradas... Como num sonho, todo elle encantos, sentia-se transportado ás regiões ethereas, onde tudo era luminoso e lindo!

E semicerrava os olhos...

O que elle via! O que elle via!

A filha, a formosa grega, tangedo a lyra e elle em pleno Olympo, attraído os olhares dos deuses que, sorridentes, escutavam tambem a linda musica e applaudiam Milcia!

Muitas vezes nestes devaneios, o velho prócer imaginava-se como que tendo voltado aos bellos tempos já vividos, ás grandes Naumachias e Bacchanaes a que em sua mocidade assistira e nas quaes, por entre pyramides e pyramides de rescentes flores, lhe parecia ver, os labios ainda humidos de mil beijos de amor, mulheres formosissimas envoltas em tunicas de gaze entretecida a oiro...

Milcia era linda.
O seu vulto esbelto e gracil parecia recortado dum friso do Parthenon, ou duma amphôra etrusca,

tal era a graça com que sabia collocar sobre os hombros esculturais o péplum simples, de tecido leve...

Por ser tão linda, certamente Venus a desejou para sua aia e por seu mando as Parcas roubaram-na ao pae...

Numa tarde quente de verão, chilreavam as aves entre o arvoredor, quando Milcia morreu, partiu para sempre!

Foi um dia de lagrimas, aquele! Adeus horas felizes do entardecer durante as quaes e, emquanto toda a vegetação se polvilhava dos rubis do poente, o ancião ouvia as suavissimas melodias que Milcia ia arrancando ao precioso instrumento!

Agora, alanceado o coração por tamanha tristeza, era seu unico conforto contemplar, ás tardes, a lyra, que mandára pendurar, desde a morte da filha, no muro do jardim, proximo do pombal e entre duas roseiras muito floridas...

E ficava longo tempo... muito tempo a olhar aquellas cordas de oiro donde os dedos de marfim, de Milcia sabiam arrancar harmonias leste... arrebatadoras... suavissimas!

Duma vez surpreendeu o o luar em seu extasi...

O ceu parecia setim azul recamado de oiro... As columnas da Acropole desenhavam-se nitidas recortando-se na massa luminosa da lua que subia no firmamento.

No ar havia a diluição vaga de mil perfumes...

E o ancião fitou a lyra muito... muito... muito...

O luar incidindo sobre as cordas como que a aureolava... e os embutidos coprichosos de madreperla que lhe ornavam os braços, tinham colorações tenues e lindas que lembravam um ceo irisado... muito irisado...

Impressionado por tão fantastico effeito, o ancião, como out'ora, semicerrou os olhos...

Pareceu-lhe então que voltavam os felizes dias já vvidos... imaginou mesmo ouvir as suaves tangencias da maravilhosa lyra... e viu, vir descendo vagarosamente, lá das alturas infinitas do firmamento, o vulto gentil de sua filha...

Sobre os luzentos cabellos que fluctuavam nos espaços, esbatendo-se em nuvens de oiro, Milcia tinha uma corôa de rosas feitas de nacar e orvalhadas de diamantes...

Chegada, junto d'elle, a filha, tomando a lyra, veio sentar-se a seu lado e suavissimamente quebrou o silencio da noite numa harmonia lindissima que se perdia, através dos campos como o rumo rejar brando e crystalino das aguas transparentes d'um regato...

E ao som delicioso d'aquella musica aerea o ancião tombando a cabeça, prateada pelo luar, adormeceu para sempre!

Faro, 4/10/04.

LYSTER FRANCO.

O paraizo dos criados e, principalmente, das criadas, é a Inglaterra.

Todos os annos, por esta epoca, ha em Lilcoln um «mercado de servições», costume de ha muitos seculos, durante 15 dias. De anno para anno as pretensões dos «cavalheiros de avental» e das «damas de touca» augmentam, não só no que respeita a salarios, mas, sobretudo, no que interessa á sua liberdade.

Não se calcula o que uma criada ingleza se lembra de exigir dos patrões. Já ha muitos annos que o domingo lhes é dado para passear, desde o meio dia. Coidou-se que não pederiam nada mais. Puro engano.

As d'este anno, no mercado de Lilcoln, tiveram exigencias estravagantes e curiosas.

Por exemplo, uma pediu para aprender piano!

Outra pediu trez dias na semana para namorar... outra quiz ir duas vezes por semana ao theatro. E ainda uma pediu duas horas, todos os dias, para sair em bicycletta!

Para o anno que vem os patrões terão de dar lhes carruagem, e talvez servil-as á mesa...

DICIONARIO DA AMIZADE

DEDICADO AOS HOMENS NOVOS

O que é um amigo?

Um amigo é uma creatura que tem todas as pertenções e todos os defeitos da mulher, sem possuir uma só das boas qualidades que a distinguem.

Não obstante isso, para ser justo e não desgostar ninguem da amizade, devo accrescentar que encontro bastantes pessoas por esse mundo que me apertam a mão. Viajei muito no paiz da amizade, sem plano estabelecido, e demonstrando-me um pouco onde me pareceu. O paiz não me deixou as mais gratas recordações, devo confessar-o, mas como lhe conheço bem todas as veredas e encruzilhadas, sou um excellente guia de viajantes. A'vante pois, meus jovens companheiros!

O primeiro que encontramos é:

O amigo tolo — Esta classe é a mais procurada. Os homens de talento tem uma predilecção prociadissima pelos tolos. Adolpho Adam gostava de gatos, Decamps adorava os macacos, Mozart idolatrava os papagaios; mas um homem de talento em geral tem o cuidado de apegar-se, á falta de gato, mono ou papagaio, a um homem tolo, a quem chama seu amigo.

O amigo idiota não é incommodado nas suas relações. A sua principal qualidade boa é de provar-nos a toda a hora, e mau grado nosso, que temos mais talento do que elle, o que nos lisongeia o amor proprio. Em qualquer posição da vida que um homem esteja collocado encontra sempre um amigo d'esta classe.

Um semelhante sujeito agarra-se a nós com a facilidade de um cão; serve-nos de moço de recados, para nos levar as cartas; carrega com as culpas de todos os enganos em que porventura cahimos; livra-nos das pessoas que nos enfadam; podemos, em summa, fazer d'elle quanto quizermos, excepto um amigo, porque não nos comprehenderá quando lhes fallar-mos dos pensamentos elevados que nos agitam e que estão fóra do alcance da sua intelligencia. Mudemos de direcção. Encontraremos:

O amigo protector. — Este simulará interessar-se por nós. A' vezes, quando está aborrecido e não sabe o que ha de fazer, se por acaso nos encontra na rua, dá-nos o braço para que o acompanhemos, e juramos que o seu unico desejo é ser-nos util em alguma coisa. Evidentemente, dir-me hão talvez, eis ahi está um verdadeiro amigo. Pode ser. O amigo protector não tardará em fazer-nos alguns insignificantes favores. Em compensação seremos para elle o que o amigo tolo é para o homem de talento: o seu creado e o seu cão. Disporá do nosso tempo, como e quando lhe apetercer. Em fim, por um pequeno favor que nos fez, exigirá nos-ha cem muitos mais importantes, e como é o nosso protector teremos todo o cuidado em não lh'os recusar. Do amigo protector dista apenas um passo:

O amigo desinteressado. — Peço licença para substituir a analyse por uma anedocta.

Um excellento rapaz a quem chamaremos Eduardo, possuia a mais formosa collecção de armas que tenho conhecido: Além d'isso tinha um amigo. Este amigo era medico. Um dia, Eduardo cahiu doente. O amigo tractou-o e, oh! milagre! Eduardo ficou bom. Quando fallou em pagar os cuidados que lhe tinham sido prodigalizados, o amigo medico recusou com indignação.

— Meu caro, não insulte a amizade offerecendo-me dinheiro.

— Pois, bem não fallemos mais n'isso.

Chegou o dia de Anno Bom.

— Vou fazer uma surpresa áquelle excellente doutor, pensou Eduardo.

E tirando de um tropheo, uma espada magnifica, mandou-a, com um bilhete ao medico. D'ali a quinze dias, ao passar ao pé d'um bazar de armas encontrou o amigo.

— O doutor por aqui?

— Eu em pessoa.

— O que o trouxe cá?

— Ando á procura d'uma espada que sirva de companhia á que me offereceu no dia de Anno Bom.

— Oh? Não ha-de encontrá-la facilmente.

— Receio isso.

No dia seguinte, Eduardo dependurou do tropheo outra espada, não menos esplendida que a primeira, e mandou-a ao medico.

Querem agora saber o desenlace da historia? Ao cabo de um anno Eduardo, reconhecido ao amigo, não tinha uma unica arma, e o medico estava de posse de uma riquissima collecção.

Um doente ordinario teria pago as quatorze visitas ao medico á razão de cinco francos cada uma, ou sejam setenta francos por todas. A collecção de Eduardo valia uns oito ou dez mil francos. Em resumo, se o leitor adoececer, não mande chamar amigos. Nada custa tão caro como uma consulta de graça.

O amigos orgulhoso. — Este tracta-nos perfeitamente. Nunca temos razão de queixa contra elle. Recebe-nos como a um irmão; offerece-nos os seus melhores charutos, e apresenta-nos aos seus melhores amigos. Porém...

— Ah! Temos um porém?

— Porém, faz tudo isto por vaidade. Exibe-nos, sem que se dê por semelhante coisa, como se exhibe um v'ello de duas cabeças, e dirá a quem lhe der ouvidos:

— Sou tão amigo d'este rapaz! E' me tão dedicado, que posso fazer d'elle tudo o que quizer...

Como é agradável inspirar uma sympathia assim!

Passemos ao

Amigo dos nossos paes. — A culpa dos paes recae sobre os filhos.

— Em amizade?

— Em amizade, principalmente.

O pae do leitor teve um amigo que o conheceu pequenito; faz-se seu amigo e aproveita esta posição para tractar o toda a vida como a um fedelho.

Aquelle homem viu-o tão pequenino, nunca o olhará de outro modo. Chamar lhe-ha seu *joven amigo*, e quererá impôr-lhe a sua pretendida experiencia, que é apenas um juizo de um velho que ha meio seculo se esqueceu dos vinte annos. Obrigal-o ha a andar com camisola de flanela, a tomar mesinhices, e talvez a casar.

Não se deve recusar cousa alguma a um antigo amigo de familia. Depois de ter massado o pae, reclama o direito de massar tambem o filho.

O amigo disfructador. — Todos os amigos são disfructadores. Quando por acaso um amigo disfructa outro, é porque ambos se disfructam mutuamente.

O amigo franco. — Este senhor nunca descobre uma coisa agradável para nos dizer. Sob o pretexto de franqueza, insulta-nos. Demonstra nos que somos tolos, que não temos coração; emfim, faz nos comprehender que não passamos de uns *ninguens*, sem que nos assista o direito de lhe pedir contas dos seus insultos, porque é nosso amigo.

— Mas, dir-me-ha alguem, não acredita na amizade sincera e leal? Lá isso acredito, visto não ter motivo de duvidar da sua existencia; mas até hoje ainda a não encontrei.

Exame final. — Compreendeu as minhas theorias, mancebo?

— Perfeitamente.

— Quer que continue a predica a respeito da amizade?

— Não, basta.

— Responda-me então. O que vem a ser um amigo?

— Amigo é um homem que nos faz presar os nossos inimigos.

— Não foi mal respondido. Diga-me agora uma coisa: vae cultivar a amizade?

— Certamente.

— Visto isso, préguei no deserto?

— Ora essa! Porque uma borboleta se queimou na luz, não se deve dizer que as mais façam outro tanto. Comtudo...

— O que?

— No dia em que eu veja a necessidade de ter amizade a alguem,

em vez de um homem, buscarei... uma mulher.

— E' isso mesmo. Compreendeu-me.

ALBERTO WOLFF.

LYCEU DE FARO

Para o decurso do anno lectivo de 1904-1905 abre no dia 17 do corrente este estabelecimento de ensino. No dia 13 assignam o termo de matricula os alumnos da 1.ª e 2.ª classe, no dia 14 os da 3.ª e no dia 15 os da 4.ª e 5.ª

PUBLICAÇÃO UTIL

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107, Lisboa, acaba de editar, n'um pequeno volume, a Organização das associações de classe; Fiscalização das angas potaveis; Hospitalização de enfermos no hospital Real de S. José e annexos — Hospital de alienados (Rilhafolles) — Real Instituto bacteriologico Camara Pestana — Instituto de optalmologia de Lisboa — Hospital de alienados do Conde de Ferreira (Porto); e as leis sobre syndicatos agricolas e fiscalização das sociedades anonymas, sendo o seu custo 150 réis.

No prelo: Regulamentação do sello fiscal nos lenços de tecido de seda pura ou mixta; e legislação sobre expropriações e arrematações dos fóros da fazenda nacional, e conventos de religiosas.

HOTEL CONTINENTAL

Lisboa — Rocio

Serviço de mesa de 1.ª ordem

Preço de previsão: 1\$200 rs.

Monte-Pio Artistico Tavirense

No Conselho Regional do Sul foi resolvida a favor da direcção do Monte Pio Artistico Tavirense uma questão em que era reclamante o socio sr. J. Lourenço Lagoas. A direcção tinha encarregado o seu presidente sr. José Pedro Fernandes, de escolher advogado, mas como o mesmo presidente tinha estudado a questão prescindiu de patrono e foi pessoalmente defender a causa na audiencia d'aquelle Conselho e que teve logar em Lisboa no dia 3 do corrente.

Não conhecemos ainda o accordo d'aquelle tribunal e só depois de o lermos poderemos dizer alguma cousa.

E' certo que em todos os pontos que a questão se discutisse saltaria a razão para a direcção do Monte Pio, pois todas as suas resoluções estavam de accordo com a lei da associação e por isso mais nos admira que tivesse provimento favoravel no tal tribunal sem recurso.

Uma pergunta d'ocasião: porque foi que o socio José Lourenço Lagoas reclamou da decisão da direcção directamente para o tribunal e não para a assembleia geral em preferencia?

Foi concedida a aposentação extraordinaria, com a pensão annual de 108\$000 réis, ao distribuidor effectivo da estação telegraphopostal de Tavira, sr. Jeronymo José das Dores.

Foi nomeado distribuidor jornaleiro da mesma estação o sr. José Baptista Calleja.

Deve brevemente ser nomeado distribuidor supra-numerario o sr. João do Rosario da Silva Carvalho.

Offereceu-se para ir servir no ultramar o tenente de artilheria sr. Arthur Octavio do Rego Chagas.

MERCADO DE GENEROS

DIA 2 DE OUTUBRO

Cevada...	480	14	litros
Trigo broeiro...	740	»	»
Trigo rijo...	760	»	»
Favas...	680	18	»
Milho de regadio...	620	»	»
Milho de sequeiro...	600	»	»
Grão...	1\$300	»	»
Feijão raído...	1\$400	»	»

Uma noite de festa

Quasi todos os annos a temporada das ferias escolares marca no pequeno theatro da nossa terra uma noite de festa moça, com beneficio para alguma casa humanitaria. Ha annos havia o grupo dos rapazes já entrados em idade, alguns já casados e sob o patronato do mallogrado Xavier de Mattos, um perdido por cousas de theatro. Depois veio o grupo dos mais novos, mas sem mestre e d'ahi a frioleira dos seus espectaculos a que o publico, no entanto, nunca deixou de estimular com applausos.

Não demorou muito tempo, porém, a falta de mestria. Como estrellla providente surgindo n'uma mocidade soffrega de divertir-se e sempre em busca de leme que lhe preparasse rumo feliz, appareceu um dia o dr. F. da Silva, ou seja o mais azougado temperamento de rapaz que conhecemos em homem serio. Chamado á direcção technica do grupo imberbe, accedeu bizarramente e fez d'elles, dos moços curiosos, o que só a paciencia e a boa vontade pode fazer: gente capaz de agradar n'uma noite de espectáculo. E digam lá que não agra-laram: foram palm's, ovações, bouquets, todos os indispensaveis componentes d'uma consagração... de curiosos.

A *Ceia dos Estudantes* teve um desempenho feliz e revelou tres moços de incontestavel veia thal-mica: Mimoso, Chagas e José Santos. Todos contaram com naturalidade as historias da sua vida aventureira e bohemia e bem predispozeram o publico para a restante parte do espectáculo, cheia de linda musica, de monologos e de canções e de estopada do tal *Festim*... que foi o peor da peça. Ainda assim mostrou-nos as tendencias scenicas do Coelho, salva a birra de imitar o patriarcha João Rosa.

A musica foi selecta e desempenhada por mestres, sobretudo a *ouverture de Raymond*, executada a piano e violino pelos drs. F. da Silva e Victorino Magalhães, trecho que durante um quarto d'hora nos emballou sonhadoramente e poz tons de magia na luz allada d'uns olhos escuros e perturbantes.

Sobram-nos desejos de fallar de todos os que contribuíram para o exito da festa, mas escasseia nos espaço para o fazer. Diremos que todos andaram bem, ou, pelo menos, que todos mostraram muito boa vontade. Mas como vontade suprema de todas as vontades, reunindo-as e aproveitando-as o melhor possivel, sempre d'uma persistente energia e louvavel incitamento, é de registar-se o nome do dr. F. da Silva, espirito de vida, mas de vida agitada e buliçosa, contraria d'esse feito indolente e molle que inutilisa a maioria dos nossos rapazes.

NOTÍCIAS PESSOAES

Acompanhado de sua esposa retirou para Lisboa o deputado sr. João de Vasconcellos.

Encontra-se a uso de banhos em Albufeira o sr. João Rodrigues dos Santos, de Almôdovar.

Acompanhado de sua familia regressou de Moncarapacho a esta cidade o sr. Luiz Gago Nobre de Lacerda.

Regressou ante hontem de Lisboa o sr. José P. Fernandes, d'esta cidade.

Partiu hontem para Lisboa o sr. Damião Contreiras.

Regressaram da Figueirita a S. Braz os srs. Bernardo de Passos e Pedro de Sousa Pires.

Ultimas noticias

(Serviço telegraphico de «O HERALDO»)
Lisboa, 5, n. — Houve hoje enorme concorrência de povo no ministério da marinha, avida de conhecer os nomes dos officiaes, cabos e soldados mortos no sul de Angola, mas impossivel poder-se apurar até agora nomes exactos e numero dos que morreram.

A guerra

O general Kuroki parece querer tornear o flanco esquerdo dos russos.

CARTA DE LISBOA

Esta semana, sim, tivemos assumpto. Não faltaram regosijos nem noticias de sensação. Foi uma semana principalmente votada á politica, mas n'aquillo que esta palavra tem de mais nobre e de mais lato alcance social.

Para este effeito, reuniram-se duas datas, uma em seguida á outra, ambas de assignalada importancia, e que a teriam igualmente em qualquer outra nação constituição. Foram: o anniversario natalicio, no dia 28, de suas magestades o rei e a rainha, e, no dia seguinte, a abertura solemne do parlamento, com a costumada leitura do discurso da corôa.

Este, além das considerações mais de ordem administrativa e politica, que possa ter-nos suggerido, e a que já vamos fazer uma rapida referencia, começa por inserir o annuncio official de um facto da mais transcendente importancia; e vem a ser—a proxima visita, a Inglaterra, de el-rei o senhor D. Carlos e da rainha senhora D. Amelia, feita em virtude de convite officialmente enviado pelos soberanos do Reino Unido.

Esta noticia, que o discurso da corôa agora tornou publica, é claro que produziu aqui um justificado alvoroço, sendo recebida por todos, sem distincção de categorias ou classes, com uma grande e patriótica alegria. E havemos de concordar que ha para isso sobrados motivos. Com effeito, calculava-se que o nosso chefe do Estado tinha por dever, mais tarde ou mais cedo, fazer esta viagem official a Londres, como preito de affectuoso agradecimento e como retribuição indispensavel á visita que nos fizera Ed ardo VII, e que foi a sua primeira viagem ao estrangeiro depois que ascendera ao throno, do que ficou aos portugueses indelevel gratidão. Mas o que ninguém talvez esperasse é que o rei da Gran Bretanha quizesse levar tão longe a sua alta deferencia e a sua penhorante estima por Portugal, a ponto de vir elle mesmo ao encontro do desejo manifesto do nosso soberano, convidando o já, a elle e á rainha, a fazerem a sua prometida visita á grande capital ingleza.

O representante da Gran-Bretanha entre nós, sir Martin Gosselin, e que ha pouco se havia ausentado de Lisboa, regressou agora, nas vespuras do anniversario de suas magestades, sendo portador, para os nossos soberanos, de cartas autographas do seu monarcha, nas quaes se fazia aquelle convite. Essas cartas foram logo no mesmo dia 27 entregues a suas magestades, na cidadella de Cascaes. Dois dias depois, o discurso da corôa annunciava ao mundo a fausta noticia. As agencias telegraphicas internacionais tinham noticiado que sir Gosselin tivera uma entrevista com o seu monarcha, em Balmoral, e sobre os motivos d'essa conferencia a imprensa estrangeira bordou toda a ordem de conjecturas. Vê-se, porém, agora que nenhum d'esses jornaes acertou. O verdadeiro motivo da conferencia colhe-se muito bem agora. Sua magestade britânica, o rei Eduardo VII, julgando ainda obrigada a sua gratidão para comnosco, pela cordeal e significativa acolhida que lhe fizemos, quiz, galharda e generosamente, desobrigar-se pelo acto, tão espontaneo e tão penhorante, d'este seu convite. Acção que deve duplamente envidar-nos, porque ella é bem digna, ao mesmo tempo, de um rei e de um amigo.

A visita dos nossos monarchas a Inglaterra deve realisar-se em meados de novembro proximo. Ella será, sob qualquer aspecto que a encaremos, bem significativa e auspiciosa. Não representa só a estreita cordealidade dos laços que unem, nas suas affectuosas relações pessoais, os reis de Portugal e de Inglaterra; constitue tambem um testemunho publico e eloquente,—das grandes affinidades que existem hoje, e que progressivamente se consolidam e crescem, entre o imperio britânico e a nação portugueza.

Fica assim, cremos, sobejamente justificada a prioridade que hoje demos a este assumpto. Nenhum

outro de tão lata importancia se nos apresenta ha muito tempo, no campo da politica internacional. E é grato ao nosso coração ardente de portuguezes notar e commentar como este progressivo revigoremto da alliança luso britânica é logico com a tradição e coerente com o passado; pois não só nunca, em tempo algum, o soldado portuguez teve de bater-se com o inglez, como inimigo, mas, pelo contrario, acostumámo-nos, de tempos immemoriaes, a vê-lo sempre combatendo a nosso lado, desde as incertezas da consolidação da monarchia, até Aljubarrota e ao Bussaco, onde pudemos amigavelmente compartilhar da gloria de havermos abatido a fama invencível do filho querido da victoria.

Da impressão que essa viagem produziu nos arraiaes opposicionistas dará exacta idéa o seguinte:

Desciamos, muito tranquillamente, o Chiado, sob a calma e directa influencia de um bello sol outomnal, quando encontrámos um ferrenho progressista, jornalista e deputado, que descia tambem.

Travámos amigavelmente os braços, e, a seguir, communicámos impressões sobre os ultimos acontecimentos. Perguntámos-lhe:

—Que pensa então vossê do ministerio?

—Ah, estão seguros a valer! El-rei de certo não irá abrir uma crise agora, que está para ausentar-se do reino. O mez de outubro passa-se n'um instante, podem entreter com o orçamento, fixação das forças de terra e mar, etc., os tabacos que esperem... e nós tambem! Eu estou até convencido de que foi pouco mais ou menos isto o que el-rei disse ao José Luciano.

—Não seja tão pessimista!

—Verá, verá... vossê verá. Eu do que me admiro é de que ainda haja progressistas!

E tendo proferido, n'uma fogosa expansão, este desabafo, despediu-se de nós, tomando a rua do Almada.

Seguimos pelo lado opposto, rua do Carmo abaixo, e não tardou que não encontrássemos outro progressista, igualmente ferrenho, igualmente progressista, e que, não sendo deputado, tem fama enretantado de beber do fino em politica.

—Então o ministerio, hein? firme que nem uma rocha?

—Não sei porque.

—Homem, a viagem do rei?

—E que tem isso? B-m vê vossê, se fosse combinação feita cá dentro de portas, ainda se poderia dizer que foi machinação do Hintze. Mas o convite veio de lá, ninguém sabia.

—Embora. O Hintze ha de querer ir figurar.

—Ha, isso não vae, de modo nenhum! O rei Eduardo não trouxe na comitiva ministro nenhum. Mas, mesmo que algum ministro tivesse que acompanhar el-rei a Londres, esse devia ser um progressista, visto como foi o ultimo consulado progressista quem preparou esta auspiciosa aproximação da Inglaterra.

—Que importa lá isso? O rei não ia agora abrir uma crise.

—Pelo contrario, a occasião até é excellente. Afasta-se do reino deixando um governo novo e forte no poder. O rei de Hespanha não veio a Lisboa logo em seguida a ter resolvido uma crise ministerial? Já vê que isso não é razão.

E, cheio de confiança, despedindo-se:

—E' isto que eu lhe digo, pela certa. Caem em outubro! E a viagem do rei por isso é em novembro. Isto não falha.

Vê o leitor, n'esta diversidade de opiniões, qual é a que prefere.

Não apostamos por uma nem por outra, mas por uma terceira, que é toda nossa e não diremos qual seja.

CURSO PRATICO DE COMMERCIO

Contabilidade, escripturação, francez e inglez.

Avenida D. Amelia, 116
FARO

O POETA SALAZAR MOSCOZO

Ainda a proposito do sonetillo «Nupcias» de Salazar Moscozo publicado no «Heraldo» e transcripto no «Dia», publicou o nosso amigo e distincto camarada das «Novidades», Jorge de Abreu, o seguinte artigo que, com a devida venia, transcrevemos do «Dia».

O Dia publicou ante-hontem um sonetillo delicioso, producção do poeta algarvio Salazar. Permitta-se-me que em ligeirissimas phrases apresente o auctor d'esses versos encantadores aos intellectuaes da moderna camada, que desconhecem, por certo, onde paira isolado esse requintado espirito de artista, mal disfarçado pelas negligencias de verdadeiro e incorrigivel bohemio.

O poeta Salazar Moscozo vive em Lagos; durante o dia, acode com o seu conselho experiente e experimentado a quantos o procuram no tribunal civil: á noite, mãos nos bolsos, o chapéu de côco lançado para a nuca, a cabeça um pouco vergada pelas cogitações, corre as ruas da cidade, alternando-as com dois dedos de cavaco n'uma roda amiga ou na centemplanção silenciosa das ondas rumorosas a esbaterem-se em flocos de espuma nas Portas de Portugal.

Um reu precisa de advogado—não o tem mais eloquente e persuasivo que Salazar Moscozo; um bohemio necessita companheiro para uma noite de alegria—é ainda a elle que recorre, como é a elle tambem que se solicita uns versos lindos, um improvisado de homenagem ou duas pontoadas de critica para um ridiculo da terra. E' preciso, n'um dado momento, falar em nome de Lagos agradecida, não se procura outra pessoa. Salazar Moscozo supprime todas as difficuldades. E na sua já longa caminhada da vida encontra ainda entusiasmos de rapaz, verduras da mocidade com que corresponde ás expansões da gente nova, mais divertido que ninguém, sempre attrahente, scintillante de conversação, jocoso, *blagueur*, amadorando tudo isso com um feitiço calmo, pachorrenho, methodisando as passadas, entretenendo-se e entretenendo sem esforço horas e horas seguidas.

Conheci o ha pouco mais de um anno. Quando m'o apresentaram, assentava-se á meza d'uma cervejaria, recitando em voz baixa, para alguns intimos, umas quadras reventando de *verve*, que iam direitinhas á cabeça e especialmente aos miolos de certas personalidades mais em evidencia, n'essa occasião, na encantadora terra algarvia. Trocámos as banalidades do costume; e, passados poucos minutos, as palavras do poeta, as suas idéas sobre litteratura indigena, as suas criticas á obra contemporanea, o conhecimento profundo dos homens e das cousas do seu tempo iam me successivamente transformando as paredes e o tecto baixo do estabelecimento acanhado e escasso de luz n'um recinto da capital, n'um café lisboeta aurolado pela concorrência de toda a mentalidade de hoje, a dialogar com vasto criterio e supremo bom gosto. Depois, foram as reminiscencias da mocidade a surgirem como n'um alcapão de magica dos labios de Salazar Moscozo: os politicos que elle conheceu quando estudava em Lisboa, as anedotas mais estreitamente ligadas á sua vida, os montões de versos que elle compoz e nunca publicou, historietas de esturda—a esturdia de out'ora—os talentos da sua geração, todo um mundo de recordações inapagaveis, que ainda lhe illuminam uma vez ou outra a physionomia bondosa e expressiva, o olhar vivo, franco e intelligente. Quando terminámos a palestra, já a bordo dos oitenta e tantos navios então fundeados na bahia de Lagos, os clarins annunciavam dolentemente a alvorada... Separámo-nos.

No dia seguinte, a politica regeneradora da terra realisava uma manifestação de apreço a um dos seus vultos mais importantes: musica, o hymno da Carta, vivas, duas filas de senhoras a escoltarem na praça da Constituição o cortejo

de festeiros, bombas, foguetes, balões, todos os adereços, em summa, d'uma peça de grande espectáculo. O alvejado, amavel, galante e sorridente, agradecia commovido tantas provas de deferencia e amizade partidarias.

A' uma hora da madrugada já a multidão começava a dispersar, diluindo-se os rumores da manifestação em bocejos de somno, quando Salazar Moscozo, na praça publica, subindo a um banco de madeira, fez menção de que ia falar. Toda a gente se quedou anciosa e expectante. O poeta, na sua grande consciencia, entendia que tudo aquillo ficaria incompleto se se não dissesse ao personagem regenerador os verdadeiros e legitimos queixumes de Lagos.

Falou uma meia hora se tanto. Enquadrado nos limites da mais mais impecavel cortezia, reproduziu ao vulto politico que via na sua frente, todos os males que a politica de campanário tem acarretado áquella terra. Censurou, causticou os actos governativos injustos e prejudiciaes; falou ao coração, ao sentimento, ao sabor do povo; e quando terminou, entre o estrepito vigoroso d'uma entusiastica salva de palmas, lpercebia-se claramente o soluçar commovente de muitas almas que a sua eloquencia, apoiada fortemente na sinceridade, fizera vibrar, estremecer de dôr e de indignação. Todos queriam abraçá-lo, acarinhá-lo; agradecer-lhe esse protesto tão opportuno como suggestivo. Até o politico, se não estou em erro, desceu da varanda do palacete onde se alojara para vir cumprimentar o poeta. Mas o poeta, cumprido o que elle d'ahi a uma hora me explicava ser o seu dever, escoava-se surretamente pela multidão, fugindo a todas as galas da celebridade, e tomando-me do braço ia assentar-se na areia da praia, versejando sob a inspição do luar brilhante endeixas de tristonha melancholia.

Ha pouco mais d'um anno que o não vejo. Sei contudo que continua a ser meu amigo; e é invocando essa amizade de Salazar Moscozo que perdoará decerto o ter falado d'elle n'um jornal de Lisboa, quando a sua modestia, afinal, o menos que poderia fazer seria o descompôr-me ferozmente por tal atrevimento—o atrevimento de explicar aos que me leem que o auctor do sonetillo publicado ante-hontem pelo Dia é um mestre, embora isolado na placidez e na calma da cidade de Lagos, com algumas folhas de papel sellado á mistura.

Jorge d'Abreu.

REAL COLLEGIO MILITAR

Se a entrada geral dos alumnos que se acham em ferias se realisar, como se suppõe, no dia 10 do corrente, os alumnos de novo admitidos n'este estabelecimento de ensino devem enviar para o collegio os seus enxovaes até ao dia 10.

Nos enxovaes dos alumnos, por determinação superior, deverá comprehender-se dois lençoes felpudos (turcos) para banho.

Novidades Litterarias

Herbert Spencer

DA LIBERDADE Á ESCRAVIDÃO

Tradução prefaciada por Julio de Mattos. Preço: 200 réis

Livraria Classica, de A. M. Teixeira, Praça dos Restauradores, 20.—LISBOA.

Alberto Bessa

O JORNALISMO

Esboço historico da sua origem até nossos dias, com artigo prefacio de Edmundo d'Amicis. Preço:

Livraria Viuva Tavares Cardoso, Largo de Camões, 5.—LISBOA.

Julio Brandão

PERFIS SUAVES

Contos, com primorosas illustrações de artistas novos. Preço: 700 réis. Livraria de Figueirinhas Junior, rua das Oliveiras, 75.—Porto.

REVISTA DE INFANTERIA

Publicação mensal e militar. Assinatura por trimestre: 300 réis, rua de S. José, 30 a 42.—Lisboa.

REGISTO DE PUBLICAÇÕES

Encyclopedia das Famílias

Como sempre esta publicação mensal, acaba com o n.º 213 de nos dar um interessante e util summa: Historia dos Estados-Unidos da America; Poesia; Seitas e religiões, (Deuses adorados pelos japonezes). Descobertas e invensões, (Apparelho para aprender a nadar (com gravura).—Um novo metal—O Hypocopo). Actualidad.—A Corêa e os seus inventos). Chronologia, Porque crescem os dias (com gravura). Revista scientifica; Agricultura. A geada nos batates — Condições de habitação das vacas leiteiras—O cultivo da cebola; Nobiliarchia portugueza, Breves apontamentos para a historia genealogica da algumas familias de provincia. Portugal pittoresco, Avô (com gravura). Contos infantis, A herança paterna—Os brilhantes — A mais feliz das tres. Homens celebres, Nelson (com gravura). Conhecimentos uteis, Como se refrescam os liquidos— Conservação dos casacos de borraça—Os cogumellos—Para doirar com pó—Os legumes farinaceos—Modo de reproduzir gravura antigas—Cuidados com os vegetaes — Nodosos da ferrugem e de tinta — Como se conservem as chapas de cobre, Medicina, Luz o ar—A sua influencia sobre as feridas — O limão e a febre typhoidea — Tratamento da tosse convulsa. Moscozo. Arte culinaria, Croquettes de batata — Pescada á ingleza — Engrais á hespanhola—Vacca em mirolon—Caracoles á hespanhola — Erros com molho pardo— Molho de batatas — Coração de vitella grelhado — Molho louro para peixe, etc. — Dobrada com molho picante—Pato com fatias—Rim de porco, com champagne—Tainhas á maruja—Salada de cogumellos—Pudim de maçã — Fillos de bolos— Bolos de amor Bolo real de Vianha ou bolo do Paraizo—Ravias—Biscoito de laranja—Peras de conserva—Punch de vinho—A melhor limonada. Secção recreativa; Pensamentos, maximas e sentenças. Anedotas; Para as creanças. Esta utilissima revista publica mensalmente um numero de 80 paginas em typo, sendo o preço da assinatura apenas 800 réis annuaes.

O Occidente

E' com o n.º 926 do «Occidente» que abre com um esplendido retrato quadro de Alexandre Herculano commemorando o 27.º anniversario do fallecimento do grande historiador, como ha 27 annos sob egide d'aquelle glorioso nome patriótico o «Occidente» inaugurou sua publicação. Nada mais justo nem mais sympathico. Nas seguintes paginas d'este numero profusamente illustrado, vêem-se bellas gravuras do Instituto Polytechnico, retrato do sr. Lindorpha de Macedo Pinto, seu director, grupo do corpo docente, grupos de alumnos do curso secundario, do primario e de uma equipe de foot-ball; gravura das salias da Exposição de Productos Portuguezes em Buenos-Ayres, promovida pelo consul portuguez sr. Borges de Castro; uma linda gravura, vista de Cezimbra: 6 interessantes gravuras reproduzindo os mais antigos jornaes portuguezes, publicados em Portugal e no estrangeiro e jornaes chinezes; retratos do Conselheiro Luiz de Bivar e Alfredo Serrano, ultimamente fallecidos.

Esta profusa parte illustrada é acompanhada de primorosa collaboração litteraria em que figuram festejados nomes como o de D. João da Camara, D. Francisco de Noronha e outros.

Revista Agronomica

Publicou-se o n.º 10, referente a outubro, d'esta conceituada revista de assumptos agronomicos, de Lisboa. Summa: A seccagem da fructa, por J. V. Gonçalves de Sousa; A cultura do algodão em Angola, por Amado Saabra; O districto do Congo debaixo do ponto de vista agricola (o presente e o futuro do agronomo no ultramar), por Bernardo d'Oliveira Fragateiro; Uma missão de estudo sobre a cultura do cafezeiro no Ilha do Fogo, por Antonio J. do Sacramento Monteiro; Servicos agronomicos ultramarinos: Necrologia; Rectificação; Varia.

Nova Aurora

Recomeçou a sua publicação em Taboa esta revista mensal de litteratura e critica dirigida pelo sr. Domingos de Castro. E' o seguinte o summa do 1.º numero da nova série: Chronica, de Domingos de Castro; Pela Paz, de Beatriz Pinheiro; A proposito de banhos de mar, de G.; Mulher e Amor, de Paulino da Cunha; Saudação, de Carlos de Lemos; Pinto Ribeiro, de Angelo Jorge; Versos, de Albino Bastos; Nudes da Balboa e el Pacifico, de Manoel Lourenço d'Ayot; Berlioz, Liszt e Wagner (cartas ineditas), de Charles Joly; Soneto, de Carlos de Lemos; Epistola aos Novos, de D. Santos Guerra; Nivens..., de Beatriz Pinheiro; Sonho desfeito, de Arthur Doria; Bibliographia, de Rodrigo Velloso; Livros e Revistas, de Domingos de Castro.

Relatorio

Pela «Assistencia Nacional dos Tuberculosos», foi-nos enviado o Relatorio do Conselho Central e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao anno economico de 1902-1903. E' um volume em formato grande, de perto de 300 paginas, com o relato documental de todo o desenvolvimento da Assistencia.

Jornal Hortícola-Agrícola

Distribuiu-se o n.º 6 d'este acreditado quizenário da especialidade agricola, orgão da Real Companhia Hortícola-Agrícola, Portuense. Summa: A viticultura de Mure; e regiões limitrophes, por Basilio Constantino d'Almeida Sampaio; Sericicultura, por Armando Xavier da Fonseca; Caiota ou Chocho, por Adolpho Frederico Moller; Secção colonial, pelo mesmo; De Pannemacker, por Duarte de Oliveira; Varia.

A Critica

No dia 1 do corrente encetou a sua publicação em Lisboa um semanario illustrado, critico, sportivo, litterario, theatral, noticioso e annunciador, «A Critica». O primeiro numero insere os retratos de Silva Graça, Alberto Bessa e outros.

A CACA

Revista illustrada do sport. As assinatura por anno: 20000 réis, rua Nova do Loureiro, 36, 2.º—Lisboa.

